

# OXIGÊNIO

DEZEMBRO 2020



NÚMERO 16

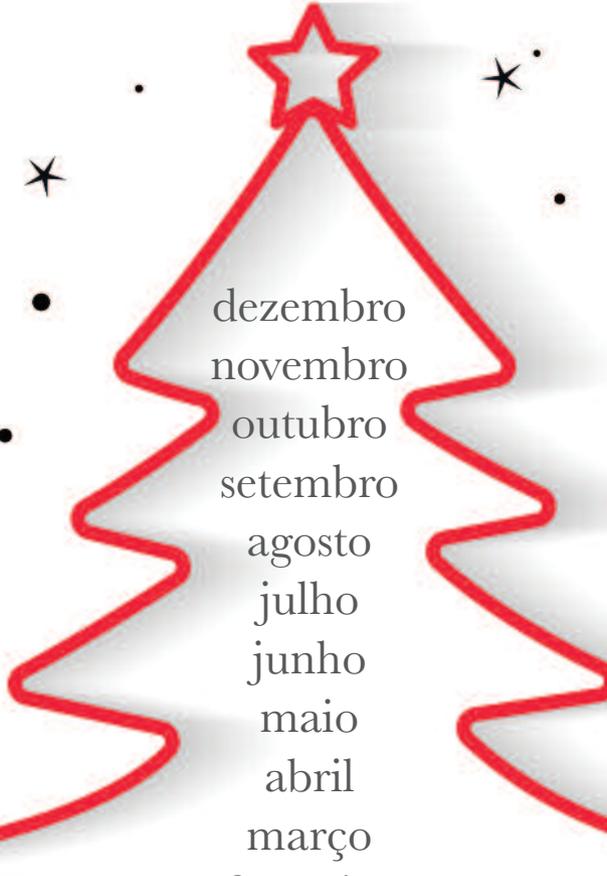
Lá bem no alto do décimo segundo andar do ano

Vive uma louca chamada

ESPERANÇA

*(Mário Quintana)*

2021



dezembro  
novembro  
outubro  
setembro  
agosto  
julho  
junho  
maio  
abril  
março  
fevereiro  
janeiro



### ESPERANÇA

Mário Quintana

*Lá bem no alto do décimo segundo andar do Ano  
Vive uma louca chamada Esperança  
E ela pensa que quando todas as sirenas  
Todas as buzinas  
Todos os reco-recos tocarem  
Atira-se  
E  
— ó delicioso vôo!  
Ela será encontrada miraculosamente incólume na calçada,  
Outra vez criança...  
E em torno dela indagará o povo:  
— Como é teu nome, meninazinha de olhos verdes?  
E ela lhes dirá  
(É preciso dizer-lhes tudo de novo!)  
Ela lhes dirá bem devagarinho, para que não esqueçam:  
— O meu nome é ES-PE-RAN-ÇA...*

Texto extraído do livro "Nova Antologia Poética", Editora Globo - São Paulo, 1998, pág. 118.

Foto de capa: Designed by Starline / Freepik

# O ÍNDICE

04

**OXIGENE:** *Bridgerton* – Chega à Netflix dia 25 adaptação dos livros *Os Bridgertons*, romance de época da autora Julia Quinn | Dia 4, exposição do francês Edgar Degas chega ao MASP. E apresenta 76 obras do artista em diálogo com fotografias inéditas de Sofia Borges

08

**REVITALIZA RIO**

11

**PARQUE NATURAL MUNICIPAL DA CATACUMBA** por Vanda Klabin

16

**LITERATURA / GASTRONOMIA:** Flip e Festival Gastronômico em Paraty

21

**ARTISTA INDICA ARTISTA:** Alteridade essencial, avesso do sentido, consagração do instante: três pequenos ensaios para Navarro Moreira por André Severo

27

**TURISMO:** As maravilhas da Península de Marajú

33

**DIRETO DE LONDRES:** Em Londres e Nova York, mostras simultâneas da pintora teuto-brasileira Eleonore Koch

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Herminia Donato

Colaboradores: André Severo, Antonella Kann, J. W. Rocio, Kiki Mazzucchelli e Vanda Klabin

Colaboração especial: Daiana Castilho Dias

# BRIDGERTON



Foto: Still do teaser de divulgação

**CHEGA À NETFLIX DIA 25 A ADAPTAÇÃO DOS LIVROS *OS BRIDGERTONS*, ROMANCE DE ÉPOCA DA AUTORA JULIA QUINN**

*Da premiada roteirista, cineasta e produtora de televisão Shonda Rhimes – por trás de "Grey's Anatomy" e "Scandal" –, primeira temporada, com oito episódios, adapta o livro "O Duque e Eu"*

A primeira série da parceria de Shonda Rhimes com a Netflix promete ser um presentão de Natal para os fãs de dramas de época e retrata o mundo sensual, luxuoso e competitivo da alta sociedade de Londres do século XIX. Ao lado de Shonda, o produtor Chris Van Dusen (*Scandal*) assume a produção-executiva da série.

A trama acompanha a vida da aristocrática família Bridgerton, composta por oito irmãos – nomeados alfabeticamente, com idades que variam dos 28 aos 10 anos –, e sua mãe, uma viúva respeitada na sociedade londrina. Todos se esforçam para lidar com o mercado de casamentos, os bailes suntuosos de Mayfair e os palácios aristocráticos de Park Lane. Julia Andrews, a eterna Mary Poppins, fará a narração.

A primeira temporada adapta o livro "*O Duque e Eu*", traçando o curioso romance entre Daphne Bridgerton (Phoebe Dynevor) e Simon, Duque de Hastings (Regé-Jean Page), que começa como uma farsa para agradar às famílias dos dois e, aos poucos, se torna mais real do que o esperado.

Julia Quinn é o pseudônimo usado por Julie Pottinger, autora de romances históricos americanos *best-sellers* que foram traduzidos para 29 línguas estrangeiras.

Quinn apareceu na lista dos mais vendidos do *New York Times* 19 vezes. A série de livros já conta com oito volumes, cada um seguindo mais de perto um dos irmãos Bridgerton.

Seguindo a tradição da *Shondaland*, produtora de Rhimes, tudo foi escolhido com base no conceito de "*colorblind*", que vê apenas o talento dos profissionais em entregar a *performance* desejada e não a cor da pele.



Foto: Still do teaser de divulgação

Com um elenco britânico e majoritariamente novato, a produção tem tudo para virar febre.

Assista o *teaser* oficial em:

[https://www.youtube.com/watch?v=xmKgpM9dD\\_c](https://www.youtube.com/watch?v=xmKgpM9dD_c)



## DIA 4, EXPOSIÇÃO DO FRANCÊS EDGAR DEGAS CHEGA AO MASP. E APRESENTA 76 OBRAS DO ARTISTA EM DIÁLOGO COM FOTOGRAFIAS INÉDITAS DE SOFIA BORGES

*Após 14 anos, conjunto completo de bronzes que pertence ao MASP poderá ser visto novamente pelo público do museu, desta vez em contraste com imagens da artista brasileira*

*Bailarina de catorze anos, 1880, Acervo MASP  
Doação Alberto José Alves, Alberto Alves Filho  
e Alcino Ribeiro de Lima, 1954 Foto: João Musa*

Com curadoria de Adriano Pedrosa, diretor artístico no MASP, e Fernando Oliva, curador na instituição, a mostra *Degas* irá apresentar todas as obras do artista francês (1834-1917) que pertencem ao acervo do museu. São 76 no total, sendo 73 bronzes, dois desenhos e uma pintura. Apenas outros três museus no mundo possuem essa coleção completa de esculturas: *Glyptotek* de Copenhague, *Metropolitan* de Nova York e *Musée d'Orsay*, Paris. Os empréstimos internacionais das pinturas a óleo que estavam programados tiveram que ser suspensos por conta da pandemia Covid-19.

A exposição está inserida no ciclo das histórias da dança, eixo temático ao qual o museu se dedicou em 2020.

### A EXPOSIÇÃO

O ponto de partida desta mostra é a escultura *“Bailarina de catorze anos”* (1880), a obra mais icônica de Degas e uma das mais emblemáticas de toda a história da arte ocidental do século XX. Seu protagonismo será reforçado com as releituras feitas por Sofia Borges. A artista brasileira, a convite do MASP, produziu fotografias em grande escala a partir das esculturas de Degas

que pertencem à coleção do museu. O resultado desse trabalho, cujo processo levou quase um ano, revela e transforma várias das obras de Degas de forma nova e radical e poderá ser visto tanto na exposição quanto em seu respectivo catálogo.

## O CATÁLOGO

A publicação *Degas: dança, política e sociedade* possui um caráter singular, não apenas no contexto da história das publicações sobre o artista e ao investir em aspectos que no geral não interessam aos museus tradicionais, mas também no conjunto de monografias publicadas pelo MASP nos anos recentes. Dada a pandemia, o que começou e foi concebido como um projeto de exposição se tornou também um projeto de publicação.

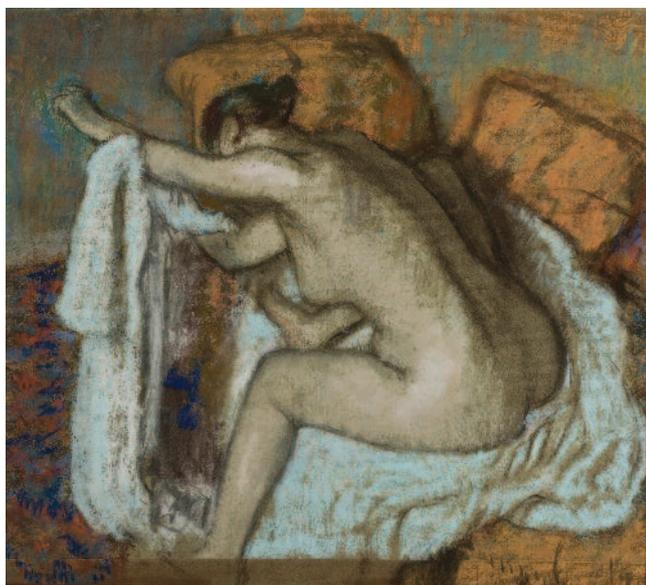
Embora não fosse mais possível realizar a mostra propriamente dita com todos os empréstimos internacionais, os curadores optaram por avançar com o projeto do

livro em seu formato e proposta originais. Aliás, sem as dificuldades comuns a tais empréstimos, foi possível incluir no livro muitas obras que teriam sido impossíveis reunir em São Paulo, visando muito mais a uma monografia substancial e necessária sobre Degas do que um catálogo sobre o que teria sido uma exposição.

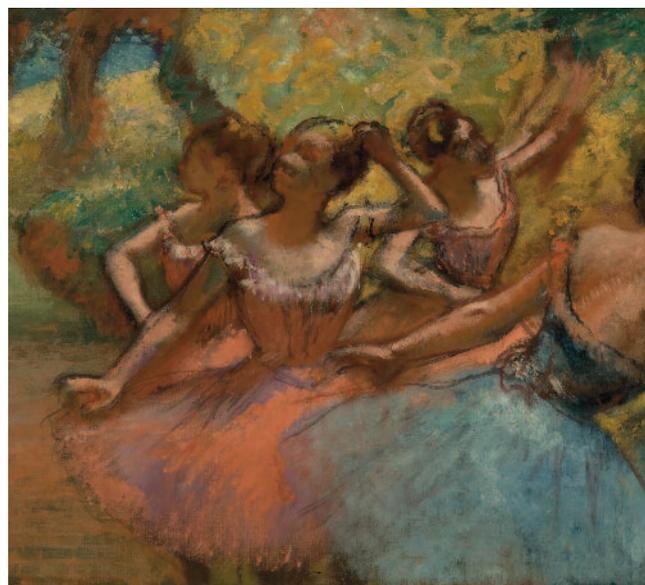
O livro reproduz mais de duzentas obras de Degas e é a primeira publicação ricamente ilustrada a focalizar inteiramente as perspectivas políticas e sociais da sua produção, abordando questões em torno de trabalho, gênero, identidade e sexualidade e assumindo uma postura crítica sobre sua produção. O catálogo reúne ensaios inéditos das pesquisadoras Ana Magalhães, Anthea Callen, Gabriela Gotoda, Isolde Pludermacher, Leïla Jarbouai, Leslie Dick, Norma Broude, Raisia Rexer e Susan Tenneriello, além dos curadores Pedrosa e Oliva.

Mais informações em [www.masp.org.br](http://www.masp.org.br)

*Mulher enxugando o braço esquerdo (após o banho)*,  
Acervo MASP, Doação Geremia Lunardelli, 1952



*Quatro bailarinas em cena*, Acervo MASP, Doação Walther Moreira Salles, Simone Pilon, Jacques Pilon, Benedito Manhães Barreto, um comissário de café em Santos, Industriais da Juta de SP e Diários Associados de SP, 1950





Portão Guinle

Foto: Revitaliza Rio / Divulgação

# Revitaliza Rio!

*Projeto de recuperação de espaços públicos da cidade promove revitalização do Parque da Catacumba e restauração do Portão Guinle, ícones do Rio de Janeiro. Inauguração acontece este mês*

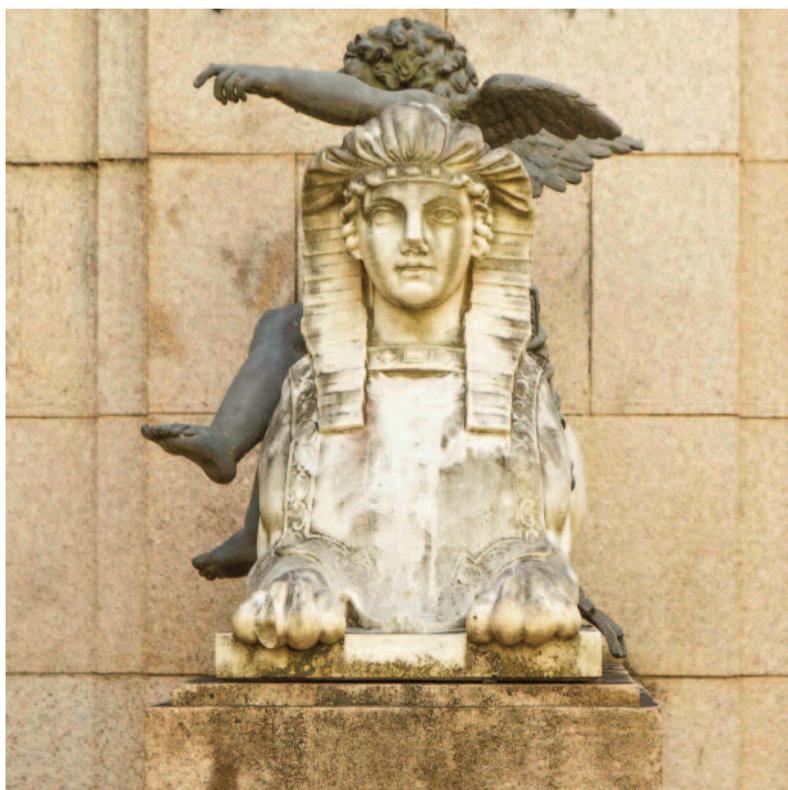


Foto: Revitaliza Rio / Divulgação

Da vontade de cuidar da cidade e renovar seus espaços públicos nasceu o *Revitaliza Rio*, projeto que

está revitalizando patrimônios culturais e artísticos do Rio de Janeiro. O objetivo é transformar lugares que sofreram degradação ao longo dos anos em ambientes de convivência, cultura e lazer.

O projeto, iniciativa da *Carioca DNA* e do *Instituto Carioca Cidade Criativa*, em parceria com a produtora *Das Lima*, é uma ação conjunta da sociedade civil com a iniciativa privada através das leis federais e municipais de incentivo à cultura. Os primeiros resultados poderão ser vivenciados a partir deste mês.

## **PORTÃO GUINLE**

Portal monumental histórico em ferro fundido e bronze, e pedestal de granito, tombado pelo município em 2001. A restauração incluiu também os elementos que compõem o monumento: duas estátuas de leões alados, dois anjos em bronze e duas esfinges em mármore branco.



Parque da Catacumba, restauração da escultura *Acoplamento*, de Mario Cravo  
Foto: Revitaliza Rio / Divulgação

Localizado em Laranjeiras, Zona Sul da cidade, é o cartão de visitas do Parque Guinle, que constituía os jardins do palacete de Eduardo Guinle, erguido na década de 1920. Atualmente, a mansão dos Guinle, conhecida como Palácio Laranjeiras, é a residência do Governador do Estado.

### PARQUE DA CATACUMBA

A recuperação paisagística envolveu o plantio e a reconstituição das áreas verdes, além da organização das árvores frutíferas e das espécies naturais lá existentes, criando um ambiente convidativo para a visita e contribuindo para a proteção do ecossistema local.

Todas as 32 esculturas do parque também foram restauradas, assim como o *Pavilhão Victor Brecheret*, única edificação existente no local. Vanda Klabin, cien-

tista social, historiadora e curadora de arte, foi convidada para desenvolver os conteúdos de arte (as bios dos artistas), a seleção das informações históricas e culturais que os visitantes poderão acessar a partir dos *QR Codes* dispostos em cada uma das obras públicas do acervo do parque.

Ela destaca que a visita ao Parque da Catacumba é imperdível. – *“Permite, além de contemplar as belezas naturais locais, um olhar muito específico sobre a arte contemporânea a partir da apreciação das esculturas expostas a céu aberto”*.

Mais informações em:

<https://www.cariocadna.com/project/revitaliza-rio-parque-da-catacumba/>

<https://www.cariocacidadecriativa.com/>

# PARQUE NATURAL MUNICIPAL DA CATACUMBA

*por Vanda Klabin\**



*Estrutura em diagonal* ou *Flor de Cactus*, de Franz Weissmann

Foto: Revitaliza Rio / Divulgação



Escultura *Acoplamento*, de Mario Cravo

Fotos: Revitaliza Rio / Divulgação



A região da Lagoa Rodrigo de Freitas, antes da chegada dos portugueses, era ocupada por indígenas da tribo Tupinambá. Por ordem do rei de Portugal, passou a fazer parte da sesmaria da cidade. No local, conhecido como Chácara da Catacumba, foi construído o Engenho de N. S. da Conceição, que pertenceu à família de Rodrigo de Freitas Castro, fidalgo da Casa Real, falecido em 1748, e sua herdeira Maria Leonor Freitas, que se tornou a senhora do Engenho e teria deixado suas terras para seus antigos escravos, que passaram a ocupar a região após a morte dela, dando origem a quilombos urbanos.

Devido ao crescimento urbano desordenado e à chegada de novos moradores, surgiram as primeiras moradias na encosta do morro e a mata local foi gradativamente derrubada. Em 1975, a lagoa e sua orla foram tombadas pelo patrimônio histórico, e a comunidade foi removida para os conjuntos habitacionais. O projeto de urbanização do parque ficou a cargo de Lúcio Costa, que manteve a topografia do morro e a vegetação nativa.

Atualmente, é uma unidade de conservação ambiental e recebeu projetos de paisagismo e reflorestamento, tendo como objetivo inicial a contenção das encostas, utilizando-se espécies da Mata Atlântica. O parque dispõe de trilhas para caminhadas ecológicas, que oferecem paisagens como a Lagoa Rodrigo de Freitas, o Jockey Club, o Corcovado e a Pedra da Gávea.

Integrado nessa esplêndida paisagem urbana carioca, foi inaugurado, em 1979, um parque de esculturas, por iniciativa do prefeito Marcos Tamoyo.

O crítico de arte Jayme Mauricio foi o curador responsável pela escolha de artistas que exerciam uma influência decisiva no contexto da arte contemporânea brasileira, para acrescentar tonalidades poéticas e novas questões plásticas para além da tradição escultórica.

O percurso dos visitantes, então, passou a abarcar um novo sentido estético, oriundo de formas e volumes es-



*Anazônia/Raízes*, de Fernando Casás  
Foto: Revitaliza Rio / Divulgação



*Maternidade II*, de Romeo Alves  
Foto: Revitaliza Rio / Divulgação



*Estrutura*, de Sérgio Camargo  
Foto: Revitaliza Rio / Divulgação

cultóricos das plantas e da paisagem envolvente, com seus naturais componentes plásticos, que compartilham de uma mesma totalidade, criando um *continuum* espacial, como um exercício livre de cores e formas.

O Pavilhão Victor Brecheret, no Parque da Catacumba, projeto de autoria de Carlos Porto e Leila Beatriz Siqueira, premiados pelo *Instituto de Arquitetos do Brasil*, é inaugurado em seguida, como espaço expositivo, com mostra individual do escultor Fernando Casás, em 1980. A proposta era ser um espaço livre, mas integrado com uma pluralidade de atividades artísticas que contemplavam eventos de arte, seja música, arquitetura, literatura, filosofia e cinema.

O caráter interdisciplinar ampliou a cadeia produtiva das artes visuais no Brasil, tendo como foco uma nova política institucional das artes e a produção cultural de contextos periféricos e de outros estados brasileiros.

No Parque das Esculturas, há um diálogo livre entre artistas que desenvolveram caminhos muito próprios ao longo de suas carreiras e manifestaram suas ideias no tecido urbano em diversos formatos, seja na sua verticalidade que se funde com o céu, as árvores e as nuvens ou na sua horizontalidade que se integra na paisagem circundante. As obras dialogam com a escala da monumentalidade do espaço físico onde estão instaladas.

Existe uma troca significativa entre a história individual de cada um e a história cultural carioca, que nos remete

a uma escala onde uma poesia da imaginação funciona através de um leque de tendências de diferentes plataformas artísticas e crava sua poética na memória pública da cidade do Rio de Janeiro.

O resultado desse conjunto de obras tridimensionais, que focaliza o cenário das ressonâncias da arte da escultura, situadas nas fronteiras entre a figuração e a abstração revela o espírito instigante desses artistas, das suas experimentações em grandes formatos em um incessante processo criativo.

No conjunto das obras expostas, está em evidência uma pluralidade de recursos expressivos e de materiais, seja de aço, chapas de cobre, alumínio, ferro, argamassa, pedra, argila, madeira, saibro, que tratam da questão de proporções, ritmos e harmonias, uma espécie de mundos diversos, unidades intensas que criaram um diálogo livre e singular, nessa trama diferenciada de mitologias urbanas ali presentes.

Na atual iniciativa de restauração do Parque da Catacumba, as esculturas serão novamente integradas à paisagem urbana e ao circuito de arte. A área do paisagismo será também contemplada: além das trilhas ecológicas com vista panorâmica da Lagoa, novos mobiliários, sinalização direcional, um parquinho infantil e uma *Academia da Terceira Idade (ATI)*.

O compromisso de contribuir de maneira efetiva para o desenvolvimento dos patrimônios natural e artístico

brasileiros está presente nesta ação cultural que testemunha a restauração de obras para um espaço expositivo para a arte contemporânea e o ecoturismo. Uma iniciativa relevante e exemplar à valorização das artes visuais e para o fortalecimento de políticas públicas para a cultura brasileira.

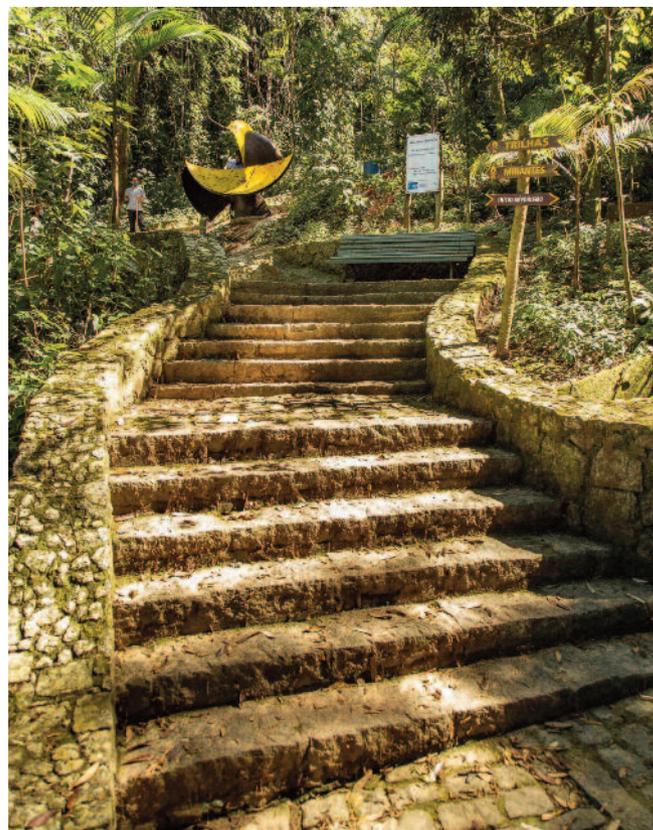


Foto: Revitaliza Rio / Divulgação



\* *Vanda Klabin é cientista social, historiadora e curadora de arte. Nasceu, vive e trabalha no Rio de Janeiro.*

Foto: Luiz Garrido



*Diana, a Caçadora,*  
de Heloisa Dolabella  
Foto: Revitaliza Rio / Divulgação



*Construção,*  
de Bruno Giorgi  
Foto: Revitaliza Rio / Divulgação

## PARQUE DAS ESCULTURAS

ALFREDO CESCHIATTI – *Evangelista Mateus*, argamassa

ANTONIO MANUEL – *Fruto do Espaço*, ferro, metalon-HO, homenagem à Hélio Oiticica

BRUNO GIORGI – *Construção*, bronze

CARIBÉ – *Oxóssi*, argamassa amassada

CARLOS MUNIZ – *Mundo 2014*, chapa de ferro pintado

CELEIDA TOSTES – *Guardião*, argamassa / barro cozido

EDGAR DUVIVIER (pai) – *Encontro no Parque da Catacumba*, ferro pintado

EDGAR DUVIVIER (filho) – *Goleiro*, metal

EVANDRO CARNEIRO – *Prometeu*, bronze e pedestal de concreto

FERNANDO CASÁS – *Amazônia / Raízes*, mármore e resina

FLORY GAMA – *Marcos Tamoyo*, busto de bronze e pedestal de granito

FRANCISCO STOKINGER – *Compressão*, granito e alumínio

FRANZ WEISSMANN – *Estrutura em Diagonal* ou *Flor de Cactos*, aço

FRANZ KRAJBERG – *Ampulheta*, tramas de peças de cipó da Amazônia

HELENA TOWNSEND – *Quorus*, bronze

HELOISA DOLABELLA – *Diana, a Caçadora*, bronze

H. PEYROL – *Índio Lutando com o Felino*, mármore de carrara

HUMBERTO COZZO – *São Francisco de Assis*, bronze

JOSE RAUL ALLEGRETTI – *Lua*, alumínio / aço inoxidável

MARIA GUILHERMINA FERNANDA – *Cosmo*, pedra sabão

MARIO AGOSTINELLI – *Homem Sentado*, bronze e pedestal em concreto

MARIO CRAVO – *Acoplamento*, ferro

MARIO CRAVO – *Flora*, chapa de ferro pintado

MARMURA – *Incerteza*, bronze, 1954

MAZEREDO – *À Nijinski*, bronze e pedestal em concreto

NELLY ROMEO ALVES – *Maternidade II*, argamassa armada com pó de granito

REMO BERNUCCI – *Atleta*, bronze

REMO BERNUCCI – *Príncipe dos Bosques*, argamassa

ROBERTO MORICONI – *Verticalidade*, alumínio

SONIA EBLING – *Sofia*, bronze

SERGIO CAMARGO – *Estrutura*, mármore

TATI MORENO – *Iansã*, latão



Centro Histórico de Paraty

Foto: Carine Felgueiras / Flickr

# FLIP E FESTIVAL GASTRONÔMICO EM PARATY

*para iluminar e deliciar os amantes da literatura  
e boa mesa*

*Os eventos, que fazem parte da alma genuína da cidade, acontecem de 3 a 6 deste mês.  
Seja virtual – com a Flip – ou presencialmente – com o Festival Gastronômico – a histórica Paraty  
retoma seu calendário cultural adaptado à nova realidade e aos protocolos de segurança*



A 18ª edição da *Festa Literária Internacional de Paraty* ocorrerá em formato virtual, pelas redes

sociais. Mas o *élan* mantêm-se: desde 2003, quando estreou em um espaço improvisado com pouco mais que vinte autores convidados, a Flip se conectou intimamente ao território que a recebeu. Pioneira em ocupar os espaços públicos com cultura, a feira é um momento importante para o debate de ideias e um ponto de encontro de toda a diversidade – o F, afinal, é de festa!

Cada edição presta homenagem a um autor brasileiro e reúne um vigoroso time de escritores, de diferentes origens e perspectivas, para se encontrar com o público em Paraty. No entanto, neste ano, a *Flip Virtual* não trará a figura do autor homenageado, devido ao momento pandêmico mundial.

*“Entendemos que a pandemia causou a morte de artistas imprescindíveis à nossa cultura, como o escritor Sergio Sant’Anna, o compositor e letrista Aldir Blanc, o artista plástico Abraham Palatnik e a regente Naomi Munakata, entre muitos outros. Portanto, este não é um momento de celebração. Assim, não teremos um autor específico em destaque; iremos homenagear coletivamente os que partiram”*, explica Liz Calder, presidente do conselho da Flip.

O programa virtual, iniciado por Fernanda Diamant em sua passagem como curadora, mais uma vez trará grandes escritores de todos os cantos do planeta, com o objetivo de iluminar, agradar e unir os amantes da literatura, onde quer que estejam.

### A PROGRAMAÇÃO

A programação será composta por mesas transmitidas ao vivo em plataforma própria e nas redes sociais da Festa, além de vídeos gravados, eventos paralelos e programações de parceiros. Para as mesas ao vivo, já estão confirmadas as presenças de autores internacionais como a britânica Bernardine Evaristo (Londres, 1959 – vencedora do Booker Prize 2019), a colombiana Pilar Quintana (Cali, Colômbia, 1972) e o brasileiro Itamar Vieira Junior (Salvador, BA, 1979).

### AUTORES E ARTISTAS CONFIRMADOS

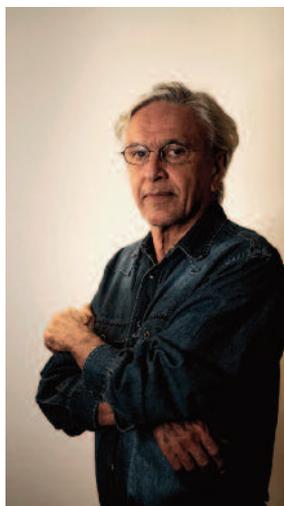
A lista de autores e artistas confirmados na *Flip Virtual* 2020, como sempre, é de peso: Ana Paula Maia (Brasil), Bernardine Evaristo (Inglaterra), Chigozie Obioma (Nigéria), Danez Smith (EUA), Eileen Myles (EUA), Elisa Pereira (Brasil), Fernando Alcantara (Brasil), Itamar Vieira Junior (Brasil), Jeferson Tenório (Brasil), Jonathan Safran Foer (EUA), Jota Mombaça (Brasil), Lilia Schwarcz (Brasil), Luz Ribeiro (Brasil), Marcello Alcantara (Brasil), Nathalia Leal (Brasil), Pilar Quintana (Colômbia), Regina Porter (EUA), Rodrigo Ciríaco (Brasil) e Stephanie Borges (Brasil).

## MESA EXTRA

A mesa extra apresenta dois dos nomes de maior destaque do evento – Caetano Veloso, que lançou há dois meses o documentário *“Narciso em férias”* e o livro homônimo (*Companhia das Letras*), no qual relata os 54 dias de cárcere vividos durante o período da ditadura militar – e o filósofo espanhol Paul B. Preciado, autor da coletânea de ensaios *“Um apartamento em Urano”* (Zahar).

Caetano dispensa apresentações. Preciado é um dos principais filósofos da atualidade a se debruçar sobre gênero e sexualidade. Em *“Um apartamento em Urano”*, lançado em agosto, reflete sobre as transições políticas da sociedade, enquanto vivencia sua própria transição para o gênero masculino. O autor vive na França e atua como filósofo associado ao *Centre Georges Pompidou*.

Mais informações em: <https://www.flip.org.br/>



Caetano Veloso  
Foto: Aline Fonseca



Paul B. Preciado  
Foto: Marie Rouge

## UM POUCO MAIS SOBRE A LISTA DE AUTORES E ARTISTAS CONFIRMADOS

**ANA PAULA MAIA** (Rio de Janeiro) – autora de sete romances, contos e projetos para cinema e TV

**BERNARDINE EVARISTO** (Inglaterra) – primeira autora negra a vencer o prêmio *Booke Prize*

**CHIGOZIE OBIOMA** (Nigéria) – considerado um dos principais nomes da literatura africana contemporânea

**DANEZ SMITH** (Estados Unidos) – poeta da vanguarda americana

**EILEEN MYLES** (Estados Unidos) – autora premiada que trabalha as temáticas lésbica, *queer* e de gênero

**ELISA PEREIRA** (Minas Gerais) – moradora de Paraty e fundadora de um sarau que reúne artistas e escritores da cidade

**FERNANDO E MARCELLO ALCÂNTARA** (Rio de Janeiro) – cirandeiros caixaras nascidos em Paraty e engajados em manifestações culturais tradicionais como a *Folia de Reis* e a *Folia do Divino*

**ITAMAR VIEIRA JUNIOR** (Bahia) – geógrafo, especialista em comunidades quilombolas nordestinas e vencedor do *Prêmio Leya*, de Portugal

**JEFERSON TENÓRIO** (Rio de Janeiro) – radicado em Porto Alegre, teve *O Beijo na Parede* (2013) premiado como livro do ano pela *Associação Gaúcha de Escritores*

**JONATHAN SAFRAN FOER** (Estados Unidos) – autor de ficção e não ficção sobre temas atuais

**JOTA MOMBAÇA** (Rio Grande do Norte) – escritora e artista visual voltada para temas como descolonização, racismo e identidade de gênero

**LILIA SCHWARCZ** (São Paulo) – antropóloga, professora da *Universidade de São Paulo* e vencedora do *Prêmio Jabuti*

**LUZ RIBEIRO** (São Paulo) – pedagoga, poeta e uma das organizadoras da edição paulista do *Slam das Minas*

**NATHALIA LEAL** (São Paulo) – uma das fundadoras do *Slam de Quinta*, o primeiro encontro de *slam* de Paraty

**PILAR QUINTANA** (Colômbia) – considerada uma das principais autoras jovens da América Latina

**REGINA PORTER** (Estados Unidos) – dramaturga premiada e romancista estreada

**RODRIGO CIRÍACO** (São Paulo) – educador e idealizador de saraus e projetos de incentivo à leitura e à produção literária nas escolas públicas e periferias

**STEPHANIE BORGES** (Rio de Janeiro) – jornalista, tradutora e poeta premiada no *IV Prêmio Cepe Nacional de Literatura*. Traduziu autoras como Audre Lorde e Margaret Atwood



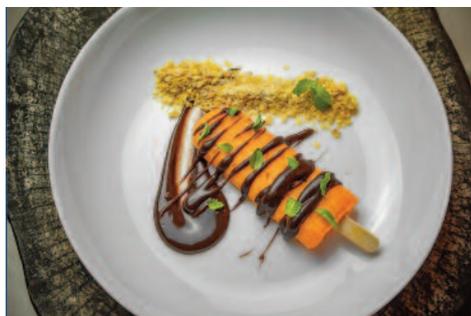
### RAÍZES GASTRONÔMICAS TEMPERAM A FESTA

A segunda edição do *Festival Gastronômico de Paraty*, que acontece presencialmente entre os dias 4 e 6, dentro do programa "*Paraty Espera Por Você*", é outra atração especial. Neste ano tão peculiar para todos, a produção fará um evento enxuto, com foco na participação online dos *chefs* convidados, e investimento no circuito Gastronômico nos restaurantes, que vão preparar pratos especiais e temáticos.

Cada ano um tema é eleito como fio condutor para todas as ações do Festival. Nesta edição, o tema é

"*Raízes*", no sentido literal da palavra: mandioca, batata doce, cenoura, beterraba, taioba de dedo, entre outras. Um bom motivo para explorar a base da identidade culinária local, a fonte da paixão pela gastronomia, algo que faça lembrar as referências ou o que aguça nossa memória afetiva.

A curadoria é de Jorge Ferreira, filho de agricultores, botânico, naturalista e especialista em reconhecimento de plantas e cogumelos da Mata Atlântica. Criado em Paraty, sempre priorizou a sustentabilidade e a relação harmoniosa com a natureza, e também suas raízes.



Restaurante Bontempo  
Sorvete de cenoura acompanhado  
de calda de chocolate, versão própria  
de um clássico  
Foto: Divulgação



Namastê Bistrô  
Creme de mandiocinha,  
chip de mandioca crocante,  
cogumelos frescos, espinafre  
no shoyo e brotos  
Foto: Divulgação



Peró – Cozinha Indígena Brasileira  
Camarões salteados com purê  
de mandioca e cúrcuma, molho  
de maracujá com pimenta Baniwa  
Foto: Divulgação

Além dos pratos especiais nos mais de 30 restaurantes participantes do Circuito, especialmente elaborados para a ocasião, o evento terá aulas-show na Praça da Matriz, um dos cartões postais da cidade. No local, chefes convidados preparam ao vivo seus pratos escolhidos. Boa pedida para quem deseja reproduzir em casa as delícias do festival. Tudo pensado para aguçar a memória afetiva e alegrar o paladar...



Jorge Ferreira, curador do Festival  
Foto: Divulgação

Participarão ainda os produtores locais, os *chefs* da cidade e os tradicionais artesãos, valorizando as razões pelas quais Paraty recebeu o título de *Cidade Criativa e Patrimônio da Humanidade* pela *Unesco*.

*“O evento será realizado com cuidado e segurança. Será um momento para saborear, em todos os sentidos, a começar pelo tema, “raízes”, mas também pela força de transformação que o setor gastronômico sempre teve e terá na nossa sociedade”, diz Georgia Joufflineau, uma das organizadoras do Festival.*

Paraty conta com uma rede de pousadas e hostels de charme que, em sua maioria, reabriram as portas no segundo semestre.

Mais informações em:  
<https://www.festivalgastronomicodeparaty.com/>



Restaurante Pindorama  
Peixe grelhado, tapioca de banana  
e molho azul marinho  
Foto: Divulgação



Restaurante Sabores da Leka  
Mil folhas de aipim com geleia  
de damasco  
Foto: Divulgação



Restaurante Paraty  
Chuchu com camarão  
Foto: Divulgação

°ALTERIDADE  
ESSENCIAL,  
AVESSO  
DO SENTIDO,  
CONSAGRAÇÃO  
DO INSTANTE:  
*três pequenos ensaios*  
*para*  
NAVARRO MOREIRA  
*por*  
ANDRÉ SEVERO



Apócrifo

Foto: Divulgação

**ALTERIDADE ESSENCIAL:** para sermos quem somos precisamos também ser o outro. Como seres sociais interagimos e somos interdependentes da diversidade. Substancialmente não existem fronteiras entre nós e o mundo; não há interior ou exterior, não há corporal ou espiritual, real ou parafactual, conteúdo ou continente: nos encontramos ligados, unidos; somos contíguos.

Não habitamos a realidade simplesmente – desde que somos, somos a própria realidade e o real (bem como todas as suas frações paraconsistentes) é também constituído por aquilo o que somos. O mesmo ocorre com as imagens: elas são concretas e corpóreas tanto quanto são espirituais e intencionais. O sensível não está nem dentro nem fora de nós, não é nosso teor





Apócrifo

Foto: Divulgação

nem nossa sucessão; as imagens são o que somos, fazem parte de nosso ser – são o nosso próprio ser. E por serem parte de nós, são também parte do mundo, são alheias, são, em essência, outridade.

Sendo, pois, o sensível uma das formas de reflexão do outro em nós mesmos, pode-se aceder que as imagens, em sentido tropológico, são espelhos. E se o sensível é um espelho, o que esperar das imagens além de uma visão? Que se despedacem, que se tornem opacas, que precipitem seu esgotamento, que se demonstrem reversíveis, que exponham seus avessos, que sejam in-  
vectivas, que se despojem de si, que se tornem ações, que revelem seus vazios.

As imagens não representam o mundo e nem a nós; menos do que para revelar alguma sombra da reali-

dade, o sensível nos acomete para nos arrancar da ilusão da existência de um eu-individual. Toda imagem é uma convocação; e qualquer incisão (mesmo que acidental) produzida pelo sensível abre uma brecha não consistente na realidade – e é nesta brecha que o real absorve oxigênio, que o pensamento respira, que a linguagem se evade, que enxergamos o outro. É através do sensível que guardamos o condão de nos percebermos distintos; e assim nos tornamos, ao mesmo tempo, este e aquele, iguais e diversos: alteridade essencial.

**AVESSO DO SENTIDO:** no fora de lugar das imagens, das formas, dos pensamentos e das acepções o que importa não é a materialidade visível – tampouco a permanência – e sim a travessia convulsiva do espaço simbólico: passagem. Mais um sentimento e menos uma



Apócrifo

Foto: Divulgação

substância. A criação poética se inicia como contração violenta e involuntária na linguagem. Nada pode ser captado pelos olhos, pela boca, pelos ouvidos ou pelos poros.

No limite, qualquer ato de instauração poética consiste no descuramento da palavra. Oposição e convergência: o artista cria vínculos, projeta imagens e arranca os sentidos de suas conexões e significados habituais; separados do mundo informe da alocação, as imagens entram em estado de suspensão, se tornam únicas, renascem.

No mais profundo desta nova existência, a contradição do sopro que nos aproxima e nos afasta do abstrato: iminência da passagem. Duas forças antagônicas habitam nossas projeções: em nossa intimidade mais obscura –

espelhada no abismo das imagens – a sede de morrer, de se despojar, de realizar a travessia; em parte menos aflita de nós, o desejo da renascer, de retomar a significação: regresso da palavra. Ainda que criações originais e únicas, tudo aquilo o que fazemos nada mais é do que um convite ao diálogo.

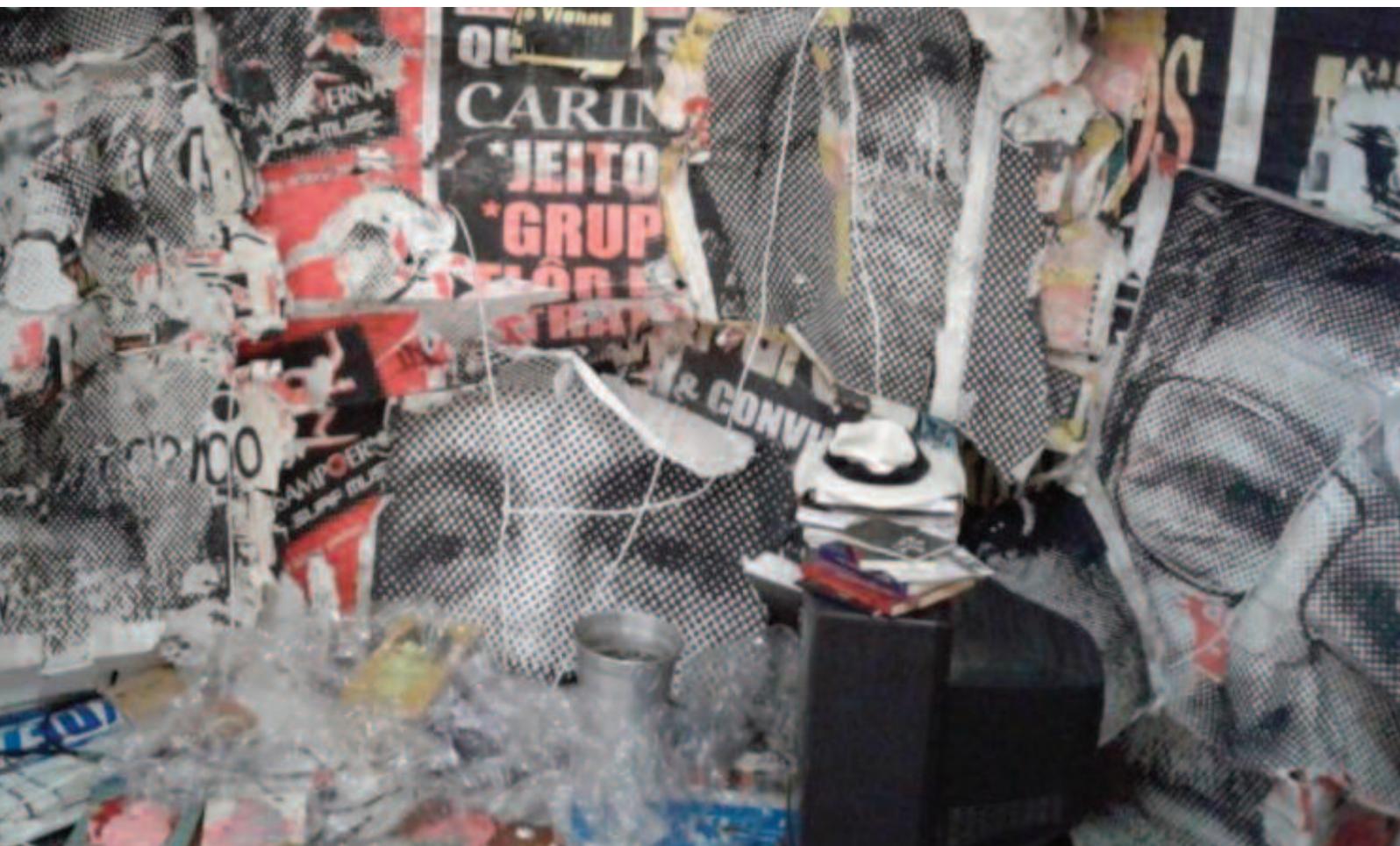
Embragadas por seus opostos, as formas se convertem em objetos de participação. O artista projeta a imagem; seu interagente a recria ao reconhecer-se nela: construção conjunta da realidade. No fora de lugar dos significados – alternando-se como instauradores de sentidos ao mesmo tempo opostos, convergentes e complementares –, autor e interlocutor engendram juntos a poesia: avesso do sentido.

**CONSAGRAÇÃO DO INSTANTE:** a imagem avança no escuro; o sujeito já não se pergunta como ela tomou forma ou se sua dinâmica de instauração é apenas o reflexo de alguma vivência esquecida. A existência de um lugar junto à existência das coisas se manifesta em deriva; o espaço já não se estende, mas pode se tornar visível. Pela linguagem a matéria está aberta ao tempo – o real se desdobra.

O ambiente já não é o lugar dos corpos, já não nos serve de apoio. No fundo de todo acontecimento existe

um ritmo; as imagens se juntam e se separam por alterações regulares e compassadas; uma ordem ignota rege todas as uniões e todas as separações. A imagem que carregamos em nós, visível e suspensa, tensa, iminente, aberta pelo drama do tempo, é reflexo da linguagem que não cabe na língua – isolamento.

Cada um de nós é uma fronteira; como cognoscibilidades, as formas que configuramos não são simples objetos – matéria fora da alma – e nem meras afecções psíquicas do sujeito que espelhamos. Não profetizamos



sozinhos. Projetamos formas possíveis no mundo exterior e a recepção destas projeções já não apresenta diferença estrutural em relação aos demais eventos que somos capazes de introjetar – suspensão. Nenhuma rasura. As imagens existem em nós e fora de nós. Mas o que elas expressam quando ressoam em nosso interior? Que nossas certezas nos transformaram em ilhas; e que o oceano daquilo o que não sabemos tornou-se definitivamente extensão. É a extensão – do sujeito, do tempo, do espaço – o que agora nos contém. Somos hoje, mais do que nunca, os lugares e os tempos do acontecimento: consagração do instante.

---

*Navarro Moreira é um artista multimídia. Seus projetos se desdobram simultaneamente em desenho, pintura, fotografia, instalação, teatro, filme, performance, música e intervenções urbanas. Abordando questões poéticas, políticas e sociais em ações independentes que buscam engajar o espectador em seu processo criativo, o artista trabalha com ideias de seriação, disseminação, apropriação, colaboração, produção e compartilhamento de informação. A série de intervenções urbanas, intitulada APÓCRIFO, cujos registros ilustram essa matéria, é um trabalho aberto que ganha forma em cartazes que reproduzem retratos de pessoas que são parte do universo pessoal do artista – seu pai, sua mãe, seus amigos – inseridos diretamente na paisagem das grandes cidades. Colados em muros e tapumes onde geralmente estão divulgações de eventos e espetáculos, a apresentação de Apócrifo ocorre em um nível concreto de integração do objeto artístico com o contexto*

*cotidiano dos locais onde são inseridos. Ao adicionar à paisagem urbana a imagem de pessoas de seu círculo íntimo – tornando-os, topologicamente, figuras públicas –, o artista provoca uma tensão entre o privado e o público e convida à uma sutil reflexão sobre tempo, memória e identidade.*

*André Severo é artista visual, escritor, crítico, curador e gestor cultural.*



Apócrifo

Foto: Divulgação

# AS MARAVILHAS DA PENÍNSULA DE MARAÚ



Texto e fotos: Antonella Kann  
[www.antonellakann.com](http://www.antonellakann.com)  
[antonellak1954@gmail.com](mailto:antonellak1954@gmail.com)

*A natureza exuberante e intocada torna esta região de praias uma das mais preservadas do Brasil*

Não deixa de ser uma incógnita viajar para um lugar que não caiu na boca do povo ou só consta enviesado nos guias. Rastrear uma região alinhavada por praias miraculosamente desertas parece um sonho do passado. Mas, basta apontar o rumo para a Península de Maraú, no sul da Bahia: ali se concentram piscinas naturais e um mar para todos os gostos, que convida ao

mergulho, à pesca e à prática de esportes aquáticos. Onde as coisas simples da vida se tornam prazeres.

Mas o melhor é a fusão desta vida singela com o luxo. Lá é possível sonhar com a cabeça encostada em travesseiros de plumas, envolto em lençóis de algodão egípcio e desfrutar de boa gastronomia, graças a uma

Praia de Saquíra



infraestrutura requintada que se desenvolveu para atender a hóspedes cada vez mais exigentes e sofisticados. O exclusivo, sem sombra de dúvida, mora neste trecho do litoral.

Situada na Baía de Camamú, a região se destaca graças à beleza de uma Mata Atlântica intocada e pela profusão de mangues e rios. Contemplada pelo *melting pot* irretocável – praias desertas, vegetação abundante, lagoas e mar – ainda assim a região se mantém imune ao turismo de massa. Uma das razões é o acesso um tanto dificultado por uma estrada de terra batida e muito esburacada. Quando chove, os pouco mais de 30 km da BR-030 ficam intransitáveis e causam transtornos tanto para os moradores como para os visitantes. Mas, dependendo de onde você se hospeda, dá para cogitar chegar de aviãozinho e aí a jornada já não fica tão complicada.

Vista-se como quiser, ande descalço se assim desejar, caminhe quilômetros sem esbarrar com um ser humano, cochile numa rede quando der sono, deguste um prato de goiamum se tiver fome, beba quantos cocos puder, caia nas águas tépidas quando sentir calor.

Num ambiente para lá de descontraído, a única coisa a fazer é se aclimatar à brisa constante que ameniza a temperatura. E deixar de lado os celulares (o sinal é ruim). Jornal diário é quase uma utopia, e baladas noturnas só mesmo na praia, em caminhadas intermináveis.



A longa faixa de areia branca se inicia em *Três Coqueiros*, uma praia de ondas fortes que margeia o povoado de Barra Grande, o lugar mais vinculado à civilização. Nesta pequena comunidade, grande parte de seus 500 habitantes vive da pesca ou do artesanato. Porém, além dos nativos, há muitos estrangeiros que, enfeitiçados pela atmosfera paradisíaca do lugar, compraram casinhas de pescadores e acabaram criando raízes. Taipus de Fora, Tabatinga, Cassange, Saquáira e Algodões são outras faixas de areia branca bordadas pela exuberância dos coqueirais e 40 km de praias praticamente virgens.



Praia dos Algodões

Mas é no trecho entre Barra Grande e Algodões que se desvendam as praias mais encantadoras. Na minúscula vila de Taipus de Fora, o cenário é de tirar o fôlego: na maré baixa, forma-se uma piscina natural de 1 km de extensão, rasa o bastante para a prática de mergulho e com águas mornas e translúcidas por mais de 500 metros mar adentro. Neste imenso aquário pode-se vislumbrar uma infinidade de peixes. Na areia, há barracas para se alugar equipamentos e profissionais que ainda oferecem treinamento e batismo para os inexperientes.

Simpáticos barzinhos servem petiscos e caipirinhas no jeitinho baiano de ser. Para quem aprecia artesanato, tem até lojinhas na rua principal, onde você pode fazer descobertas bem interessantes. Bem próximo dali, um oásis de conforto e sofisticação aguarda os mais afortunados. É o *Kiaroa Eco Resort* ([www.kiaroa.com.br](http://www.kiaroa.com.br)), com chalés individuais, *villas* exclusivas e piscinas privadas; um luxuoso complexo hoteleiro cinco estrelas, ideal para quem procura um pouco mais de animação e serviços sofisticados, incluindo bangalôs e um spa. Sua localização privilegiada o tornou uma referência de sofisticação e conforto, tanto a nível nacional como internacional.



Lojinhas em Taipus de Fora

Em menor escala, nas outras praias o fenômeno natural das piscinas se reproduz a cada baixa da maré, embora em proporções menores. Na praia de Algodões (20 minutos de caminhada a partir de Saquaira), o cenário é mutante, pois basta a súbita aparição de rajadas de vento para provocar uma incrível transformação num mar que, poucos minutos antes, oferecia aprazíveis piscininhas. De repente, ele fica rebelde.

Mesmo durante feriados ou finais de semana, pouquíssimos banhistas circulam por ali. Acaba mesmo sendo a praia privativa dos poucos hóspedes da *Casa dos Arandis*, uma charmosíssima e premiadíssima pousada aninhada no meio de um coqueiral e cujos quatro bangalôs foram construídos a poucos passos da areia.

#### **COMO CHEGAR:**

De Salvador, um táxi aéreo leva os passageiros na pista exclusiva do *resort*. A Península de Maraú também pode ser acessada desde Itacaré com veículo 4x4 pela BR-030, mas é um longo percurso em estrada de terra muito esburacada.

# Casa dos Arandis, a pousada mais exclusiva do Brasil



*Premiada pelo terceiro ano consecutivo com o título de Excelência pelo reputado Condé Nast Johansen, a Casa dos Arandis é um luxo de pousada, concebida para você se sentir em casa*



Assim que entramos na Casa dos Arandis, somos recebidos pelos donos Christiana Teixeira e Cláudio Falcão. Como num passe de mágica, todo o desconforto da viagem é imediatamente deletado: a sensação é de que acabamos de chegar na casa de amigos íntimos. Mas é justamente isso que este casal carioca pretendia quando concebeu a pousada aninhada no meio de um coqueiral com vista para o mar, a poucos passos de 40 km de praias desertas.

Nanana e Cacau, como são chamados nossos anfitriões, se conheceram há quase duas décadas, no Rio. No final de 2010, saturados com o ritmo estressante da cidade grande, foram à procura de um lugar pacato, e decidiram fincar raízes em um dos recantos mais abençoados do litoral baiano. E a pousada brotou do papel em dezembro de 2011.

"Entre a elaboração e finalização da obra, foram incríveis quatro meses," revela Nanana, que contou com apoio integral da paisagista Sonia Infante, responsável pela composição do jardim, pela construção e montagem dos bangalôs (100 m<sup>2</sup> cada), todos em madeira de lei. Também é dela a criação dos móveis e parte dos objetos que decoram os ambientes. Como arremate final, a *designer* de interiores carioca Mucki Skowronski emprestou um pouco de seu *know-how* e ainda deu a sua contribuição nos tons das cortinas, colchas e almofadas.

De modo geral, a Casa dos Arandis mistura aquele ambiente rústico-chique com requintes *cozy*, e ainda inova pelas cores ousadas e texturas diferentes. Por sua vez, Nanana investe seus carinhos nos mínimos detalhes, do enxoval com cheirinho de capim limão a uma cocadinha embrulhada para presente repousando no travesseiro... Não é à toa que o lugar soma três prêmios de Excelência do *Condé Nast*!

Atualmente, já com restaurante, Nanana relembra que assim que inaugurou contou com um convidado ilustre – Claude Troigros. Não deu outra: o *chef* deu nota 10 à cozinheira Zeninha, pelo seu bobó de camarão e o peixe ao sal grosso, que passaram a ser o *signature dish* da casa.

Pilotando o fogão desde então, a simpática baiana capricha em todas as suas receitas. Em tempo: a pousada é *all inclusive*, ou seja, as refeições estão inseridas nas diárias. E é bom saber que o dia em Maraú começa... na hora em que você bem entender. Com são pouquíssimos hóspedes, os horários de todas as refeições são inteiramente flexíveis.

Na areia, debaixo de *ombrellones* e espreguiçadeiras, redes e outras comodidades, ainda se pode contar com o serviço de bar: basta chamar o Alexandre que ele traz, com a simpatia baiana. Se melhorar, estraga.

Casa dos Arandis: [www.casadosarandis.com](http://www.casadosarandis.com)

# EM LONDRES E NOVA YORK, MOSTRAS SIMULTÂNEAS DA PINTORA TEUTO-BRASILEIRA ELEONORE KOCH

Por Kiki Mazzucchelli \*

Fotos: Eleonore Koch e Luciano Momesso

Cortesia de *Orandi Momesso Collection e Estate of the Artist*

Exibição organizada por *Modern Art, Mendes Wood DM e Almeida e Dale*

Texto curatorial e a exposição online em:

[www.modernart.net](http://www.modernart.net) | [www.modernart.viewingrooms.com](http://www.modernart.viewingrooms.com) | [www.mendeswooddm.com](http://www.mendeswooddm.com)



Foto: *Still* do video de divulgação / <https://modernart.viewingrooms.com/viewing-room/7-eleonore-koch-bury-st-sw1y/> – Vimeo

*Exposições, com curadoria de Kiki Mazzucchelli, reúnem conjunto de obras produzidas a partir do final dos anos 1960, quando a artista se estabeleceu em Londres, até a década de 1990, ao retornar a São Paulo.*

*Ambas ficam em cartaz até 30 de janeiro na Art Modern, Londres, e Mendes Wood DM, Nova York*

Eleonore Koch ocupa um lugar único na história do modernismo brasileiro. Nasceu em Berlim em 1926, emigrou para o Brasil aos dez anos ao lado de sua família judia. Concluída a formação acadêmica na *Escola de Belas Artes de São Paulo*, em meados da década de 1940, posteriormente prossegue os estudos artísticos em Paris (1949-50), onde tem aulas na *Académie Julian*, a *Académie de la Grande Chaumière* e no estúdio de Árpád Szenes (1897-1985). De volta a São Paulo, Koch passou a expor pinturas enquanto trabalhava como cenógrafa. Em 1953, prossegue os estudos com o pintor Alfredo Volpi (1896-1988), que a ensina a trabalhar com têmpera. A partir de então, este se tornou seu meio de escolha.

Apesar de ter participado de várias exposições no Brasil em meados da década de 1950, a obra de Koch foi frequentemente alvo de duras críticas de comentaristas de destaque em uma época em que a abstração geométrica era a tendência dominante no país.



Folha de papel, mata-borrão e papel amassado, 1997



Ilha irritada (*Angry Island*), 1974



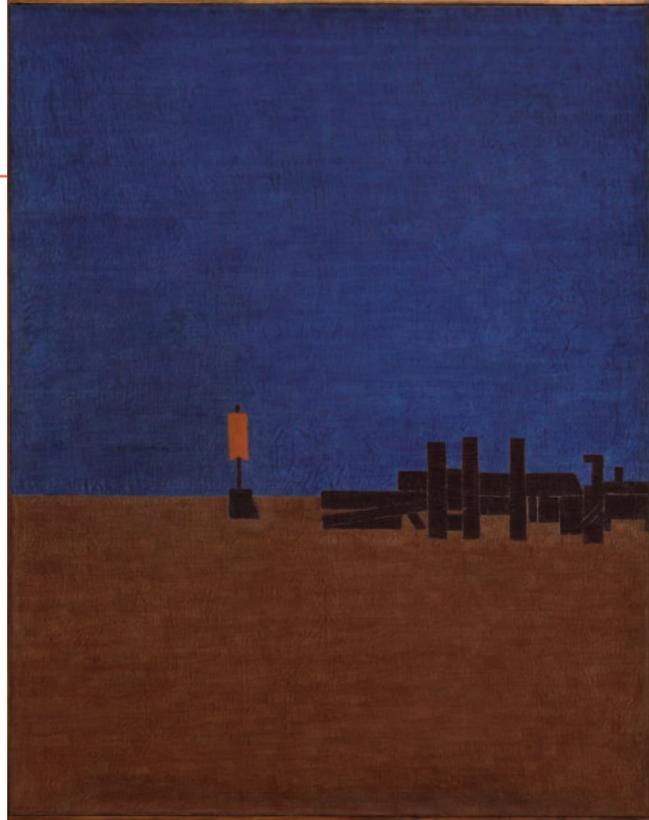
Interior com cadeira amarela - azul  
(*Interior with yellow chair - blue*), 1987



Aguardando (*Awaiting*), 1971

Suas pinturas distintas, que são caracterizadas por composições rigorosas e esparsas que combinam a redução formal de figuras com um uso altamente sofisticado da cor, eram frequentemente rejeitadas como '*primitivas*' ou '*fragmentadas*'.

Ao longo da década, Koch apresentou, sem sucesso, trabalhos para concurso público da Bienal de São Paulo, tendo sido rejeitados em 1953, 1955 e 1957. Com a nomeação de um novo diretor para a Bienal de 1959, sua obra foi finalmente apresentada na prestigiosa mostra. No entanto, com sua abordagem singular da pintura – que se baseia em uma linguagem construtiva, embora permaneça marcadamente figurativa –, a artista ainda vivia um sentimento agudo de inadequação em relação ao meio artístico paulistano e decidiu se mudar para o Rio de Janeiro.



Sem título, 1973

Em 1966 Koch começou a trabalhar na *Mercury Gallery*, em Londres, chamando a atenção do empresário, político e colecionador de arte Alistair McAlpine. Incapaz de viver de suas pinturas no Brasil, ela decidiu se mudar para Londres em 1968, onde passaria as próximas duas décadas exibindo em diferentes galerias e mantendo uma relação profissional com McAlpine. Em Londres, sua extensa pesquisa sobre cores, temas domésticos e composição rigorosa encontrou ecos no trabalho de contemporâneos britânicos associados ao movimento pop emergente, como Patrick Caulfield e David Hockney.

Em um novo desenvolvimento em sua prática, ela passou a usar a fotografia como referência para esboços e estudos para uma série de pinturas com foco em parques europeus, começando com composições que

apresentam elementos arquitetônicos encontrados no *Regent's Park* de Londres.

A obra produzida entre 1971 e 1977 foi adquirida quase exclusivamente por McAlpine, cuja coleção foi amplamente devastada por um incêndio em 1982. Com o fim do patrocínio de McAlpine, Koch começou a trabalhar como tradutora para a *Scotland Yard*.

A década de 1970 também marcou o início de suas experiências com desenhos em pastel e o uso da colagem em estudos de pinturas, esta última caracterizada por investigações aprofundadas em torno da cor que se assemelham aos procedimentos empregados por Albers –

parente distante de Koch – em sua *Homenagem à série Square*. Algumas das séries notáveis de Koch desse período incluem obras retratando cais e outras estruturas à beira-mar, além de paisagens inspiradas em uma viagem ao Egito em 1979.

Em 1982 Koch fez sua última exposição individual em Londres na *Rutland Gallery* e no ano seguinte participou da coletiva *'18 Women Brazilian Artists'* na *Barbican Art Gallery*. Enquanto isso, seu trabalho começou a aparecer com mais regularidade em exposições em museus de São Paulo, ganhando finalmente algum reconhecimento devido por uma nova geração de críticos.



Estudo, 1983





Sem título, 1971

Voltou a São Paulo em 1989, onde continuou a explorar seu uso magistral da cor em obras que investigam inúmeras variações de um tema em composições sintéticas que abrangem a paleta cromática mais viva dos trópicos.

Em 2009, seu trabalho começou a ganhar atenção da crítica com a exposição individual *“Eleonore Koch: Mundo Ordenado”*, com curadoria de Fernanda Pitta no Instituto de Arte Contemporânea (IAC) de São Paulo. Sua primeira monografia – *“Lore Koch”* – foi publicada pela *Cosac & Naify* em 2013. A obra de

Eleonore Koch está incluída na próxima edição da Bienal de São Paulo (2021).



\* Kiki Mazzucchelli é curadora e crítica independente. Vive em Londres desde 2000, onde completou um mestrado em História da Arte Contemporânea pela Goldsmiths College.

Arte

Cultura

Gastronomia  
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra  
notícias boas*

**OXIGÊNIO**  
revista

Seus clientes  
ou sua empresa  
tem boas notícias  
para dar?

Então seu lugar é aqui.  
**ANUNCIE.**

Solicite nosso Mídia Kit.

[oxigeniorevistabr@gmail.com](mailto:oxigeniorevistabr@gmail.com)  
(21) 3807-6497 / 97326-6868